

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E RELATO DE EXPERIÊNCIA: O ACHADO DE FÓSSEIS E A TENTATIVA DE PRESERVAÇÃO DO SÍTIO PALEONTOLÓGICO LAGOA DO PERI-PERI, EM ALAGOINHA, REGIÃO AGRESTE DE PERNAMBUCO

*Ana Lúcia do Nascimento
Oliveira**

*Alexandre Bittencourt Leite
Marques ***

RESUMO: O artigo apresenta resultado das atividades de Educação no Município de Alagoinha no Estado de Pernambuco, Brasil que se iniciou no ano de 2005 e que teve continuidade até os dias atuais na escola estadual do município. Aponta o resultado das práticas que vem sendo desenvolvida com os educandos dessa escola mostrando como esses jovens desenvolveram o sentimento de pertencimento de seus patrimônios ajudando a preservá-los combatendo a destruição desses bens, que neste caso a preservação de um sítio paleontológico. Apresentamos ainda os conceitos sobre patrimônio e educação patrimonial que nortearam essas atividades.

Palavras-chaves: Educação Patrimonial; Alagoinha; Paleontologia

*Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE; Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE

**Doutorando em História pela Universidade de Évora, Portugal. Bolsista Capes-BR; Professor efetivo da Secretaria de Educação de Pernambuco.

ABSTRACT: The article presents results of Education activities in the Municipality of Alagoinha in the State of Pernambuco, Brazil, which began in 2005 and continued until the current days in the state school of the municipality. It points out the results of the practices that have been developed with the students of this school showing how these young people developed the sense of belonging feeling of their heritage helping to preserve them by combating the destruction of these assets, in this case the preservation of a paleontological site. We also present the concepts of patrimony and heritage education that guided these activities.

Keywords: Patrimonial Education; Alagoinha; Paleontology

Introdução

O presente artigo tem como objetivo relatar uma experiência vivida a respeito dos desdobramentos de um acidental achado paleontológico no município de Alagoinha, região Agreste de Pernambuco, no ano de 2016. Antes do fato acontecido, trabalhos de Educação Patrimonial já vinham sendo realizados tanto com os educandos da única escola pública estadual, como também com demais jovens habitantes do município, desde o ano de 2006. Ao longo do período, as práticas e experiências sobre alguns dos trabalhos foram publicados e/ ou apresentados em diversos meios acadêmicos, onde se discutiu mais profundamente o uso de conceitos teórico-metodológicos sobre Patrimônio e Educação Patrimonial¹. A ideia aqui, portanto, não é focar na discussão desses conceitos, muito menos nas atividades realizadas, mas narrar como o legado deixado pelas aulas contribuiu para ajudar na preservação de um sítio paleontológico.

Alagoinha é um município do agreste Pernambucano com área de 216, 452 Km². Fica a 230 km do Recife, capital de Pernambuco. Possui uma população estimada de 14. 431 habitantes. Seu bioma é a Caatinga, com clima de transição semiárido quente. O nome da localidade é devido às numerosas lagoas naturais formadas há milhões de anos (IBGE, 2017). Lá existem extensos afloramentos rochosos que formaram depressões capazes de armazenar águas da chuva por anos, criando verdadeiros tanques naturais (Figura 1).

No ano de 2006, professores e estudantes do nível superior, através de um Projeto de Extensão do Curso de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), em parceria com o Instituto Ouricuri, desenvolveram trabalhos de pesquisa e preservação do patrimônio cultural da região. Esses trabalhos renderam diversas produções textuais, tais como: relatórios, artigos, monografia e dissertações de mestrado nas áreas de História e Arqueologia (Proença, 2007 e Marques, 2012).

1 Entende-se por patrimônio uma acumulação contínua de bens materiais, imateriais e naturais, herdados de povos do passado, que é constituída por toda uma variedade de elementos como, por exemplo: espaços construídos (casarios, fortificações, ruas) espaços naturais (montanhas, rios, lagoas, vegetação), cultura material (objetos utilitários, decorativos), festividades, tradições, produtos de todos os saberes e saber-fazer dos seres humanos. Diversos trabalhos se debruçam sobre a constituição do patrimônio cultural e as mudanças de conceito ao longo dos anos. Ver: Castriota, 2009; Choay, 2001; Fonseca, 2005 e Lemos, 2006.

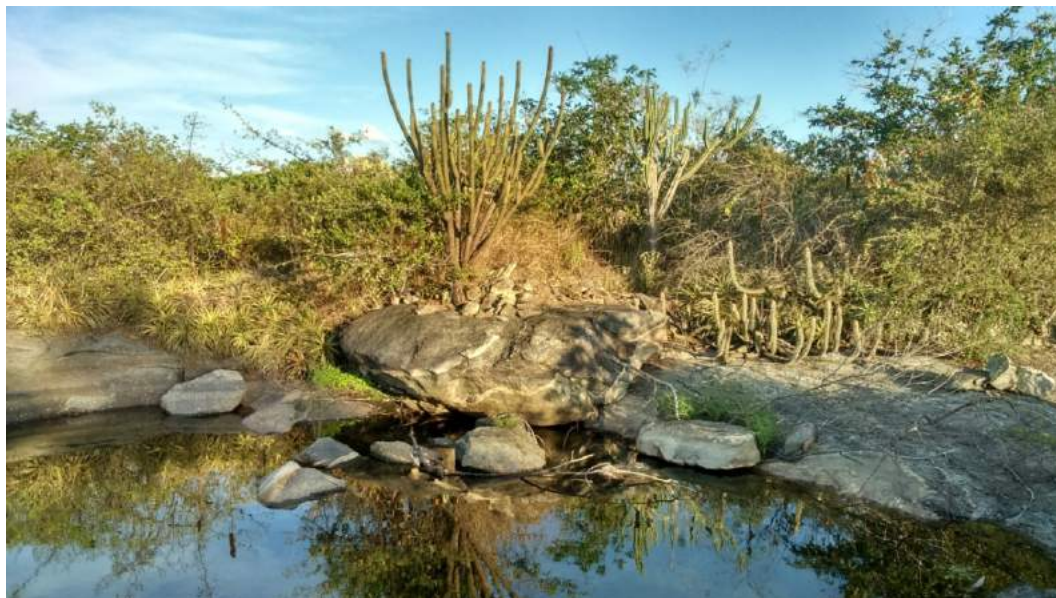


Figura 1: Tanque natural formado nas depressões rochosas do município de Alagoinha – PE/BR. Foto: Alexandre Bittencourt L. Marques, 2015.

Para além da pesquisa e produção escrita, o projeto de extensão contemplou também a integração da comunidade local, no intuito de incentivar jovens do município de Alagoinha a se tornarem protagonistas no estímulo ao conhecimento, valorização e preservação do Patrimônio Cultural da localidade e região. Para isso, foi posto em prática um trabalho de Educação Patrimonial, que ocorreu ao longo de todo o segundo semestre de 2006, período previsto para o início e término do projeto.

Em 2008, deu-se início a uma nova série de ações de Educação Patrimonial, dessa vez no âmbito da Escola Estadual Gonçalo Antunes Bezerra, localizada no dito município. Ampliou-se o trabalho de conhecimento, valorização e preservação do patrimônio local, tendo como alvo os educandos daquela instituição pública de ensino. Contou-se com o incentivo, apoio e colaboração da equipe gestora da escola, dos docentes e demais funcionários. Formou-se uma equipe interdisciplinar e realizaram-se diversas atividades no âmbito proposto.

São quase dez anos de trabalhos desenvolvidos, principalmente, com as turmas do ensino médio. Diversos temas foram integrados a projetos macros e interdisciplinares da escola, como Feira de Ciência, Festival de Cultura Popular, Dia da Consciência Negra, Dia do Índio, entre outros, bem como foram trabalhados de forma particular nas disciplinas de História,

Direitos Humanos, Empreendedorismo, Filosofia, Sociologia etc². Ao longo desse período, centenas de jovens tiveram contato com o tema Patrimônio Cultural (Figura 2).



Figura 2: Alunos da Escola Estadual Gonçalo Antunes Bezerra em aula de campo sobre o Patrimônio Cultural local, Alagoinha – PE/BR Foto: Alexandre Bittencourt L. Marques, 2014.

A descoberta dos fósseis e a mobilização

No interior do Nordeste brasileiro as depressões naturais em rocha, capazes de armazenar água da chuva, são comumente chamadas cacimbas:

O termo Depósito de Cacimba é uma designação informal, utilizada para agrupar os pequenos depósitos de sedimentos quaternários, geralmente ricos em restos ósseos de mamíferos gigantes, que ocorrem em depressões implantadas em rochas do embasamento cristalino. Estas depressões tem forma ovalada até quase circular, com algumas dezenas ou poucas centenas de metros, preenchidas por lamas, areias e cascalhos, transportados por cursos d'água temporários ou enxurradas, sendo típicos no Nordeste brasileiro, dentro e fora da área de abrangência da caatinga (Barreto, 2004:1-2).

Na região onde o município de Alagoinha está inserido são encontrados sítios arqueológicos como Pedra Furada (Venturosa), Pedra da Mão-De-Sangue (Alagoinha), Serra do Pontudo (Alagoinha), Vale do Catimbau (Buíque), dentre outros. Esses sítios contêm, principalmente,

² Sobre Patrimônio, Educação Patrimonial, ensino de História, teve-se como base principalmente nas seguintes obras: Ramos, Francisco Régis Lopes. *A danação do objeto: o museu no ensino de história*. Chapecó: Argos, 2004. Horta, M. de L. P.; Gunberg, Evelina; Monteiro, A. Q. *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília: Iphan, Museu Imperial, 1999. Bittencourt, Circe Maria Fernandes. Identidades e ensino da história no Brasil. In Carretero, Mário. Rosa, Alberto. González, Maria Fernanda. (orgs.) *Ensino de História e memória coletiva*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

vestígios como pinturas rupestres e artefatos líticos. Também existem outros lugares, mas que possuem fósseis, sendo estes categorizados como sítios paleontológicos. Normalmente eles são encontrados no fundo sedimentar das depressões rochosas.

Devido a uma grande seca que se abateu no Agreste e Sertão de Pernambuco e em outros estados do Nordeste brasileiro, muitas lagoas ou cacimbas daquelas regiões secaram. A forte estiagem começou em 2011 e se prolongou por quase 6 anos, sendo considerada a pior dos últimos 60 anos. Atualmente, devido à perspectiva de chuva o governo municipal, no intuito de retirar os sedimentos para proporcionar um aumento na capacidade de acúmulo de água, deu início a obras nas diversas cacimbas.

Foi justamente ao retirar os sedimentos depositados no fundo de uma das lagoas (a do sítio Peri-Peri, área rural de Alagoinha), que vieram à tona os fragmentos de fósseis de milhares de anos. No entanto, por ironia, as máquinas que desenterraram o achado eram as mesmas que fatalmente estavam a destruí-los. Afinal, a escavadeira dos tratores e o próprio trânsito das máquinas pesadas faziam com que os fragmentos fósseis fossem quebrados (Figura 3).



Figura 3: Detalhe do sítio Peri-Peri, Alagoinha – PE/BR, onde é possível ver marcas de pneus das máquinas utilizadas na obra. Acervo: Alexandre Bittencourt L. Marques. Foto disseminada pelos alunos nas redes sociais, 2016.

Essa não foi a primeira vez que moradores de Alagoinha encontram fragmentos de fósseis enterrados sob o solo. Entre os anos de 2008 e 2015, por algumas vezes, os alunos chegavam com pequenos fragmentos encontrados nas propriedades rurais em que viviam. Eram poucos e de pequeno porte. No entanto, já desde aquele período que havia preocupação dos

professores em registrá-los através de fotografias e de orientar os alunos sobre como proceder perante esses casos (Figura 4).



Figura 4: Detalhe de fragmentos de fósseis levados por alunos à sala de aula no ano de 2012. Foto: Alexandre Bittencourt, 2012.

Os primeiros dias que se sucederam ao achado do sítio Peri-Peri, em maio de 2016, não foram fáceis. Alguns moradores do município passaram a entrar no sítio paleontológico e a retirar indevidamente o material, o que possivelmente contribuiu não só para descaracterizar o local para possíveis estudos, como também para danificar ainda mais aquele patrimônio. Vale salientar que a maioria delas eram pessoas humildes, de baixa escolaridade, curiosas e que não tinham conhecimento da importância dos achados como sendo um Patrimônio Cultural reconhecido pela Constituição da República Federativa do Brasil de 1988³ (Figura 5).

No entanto, atento a tudo isso, alguns dos alunos e ex-alunos, passaram a se preocupar e a tomar atitudes. A rede de informação e mobilização começava a se formar e a ultrapassar fronteiras. Na manhã de sábado, do dia 07 de maio de 2016, recebeu-se via redes sociais, a mensagem de um aluno da Escola Gonçalo Antunes Bezerra que dizia o seguinte: “foi encontrado um fóssil dentro da lagoa, uma ossada gigante”. Em seguida, uma ex-aluna também encaminhou a seguinte mensagem: “em uma escavação de uma lagoa estão sendo encontrados ossos de possíveis preguiças gigantes aqui em Alagoíinha [...] como faço para achar um arqueólogo para que possa averiguar?”. O local referido era a chamada lagoa do Peri-Peri, localizada na área rural do município, Agreste de Pernambuco. Somadas a essas mensagens, várias outras desses e de outros alunos e ex-alunos passaram a ser trocadas conosco.

³ O Art. N° 216 da Constituição brasileira de 1988 diz o seguinte: constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. BRASIL Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm. Acesso em: 16/Nov./2011.



Figura 5: Detalhe de pessoas curiosas no sítio Peri-Peri Acervo: Alexandre Bittencourt L. Marques. Foto disseminada pelos alunos nas redes sociais, 2016.

Esses relatos exemplificam o conhecimento adquirido pelos jovens de que aquilo desenterrado poderia ser de importância para as áreas de História, Arqueologia e outros campos da ciência. Apesar de ser muito cedo para se identificar de que animal específico pertenceu a ossada, o que interessa é que eles atinaram para a possibilidade daquele patrimônio ter pertencido a algum ser pré-histórico. Outro ponto interessante foi a preocupação em tentar alertar as autoridades competentes, o que, por si só, já demonstra a consciência adquirida de preservação dos bens culturais.

O passo seguinte foi entrar em contato com o Núcleo de Ensino e Pesquisas Arqueológicas (NEPARQ), do Departamento de História, da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Há anos que eles desenvolvem pesquisas nas áreas de Arqueologia, História, Patrimônio e Educação nos municípios de Alagoinha, Venturosa e Buíque, todos eles situados entre o Agreste e o Sertão do estado. Além das informações descritas sobre o ocorrido, foram enviadas também fotografias cedidas pelos alunos a respeito dos diversos e variados tamanhos de fragmentos de fósseis encontrados.

O NEPARQ se incumbiu de alertar às autoridades do município sobre a necessidade de ter o controle dos achados, bem como entrou em contato também com o Iphan para que enviasse seus profissionais para averiguar o patrimônio descoberto. Alguns dias depois do ocorrido, um jornal de grande circulação do Estado de Pernambuco, realizou uma reportagem sobre a situação em que se encontrava o sítio paleontológico.

Enquanto isso, a Escola Estadual Gonçalo Antunes Bezerra se mobilizava. Professores debatiam com os alunos a importância de se preservar aquele patrimônio da Lagoa do Peri-Peri. Por sua vez, a direção da escola, sensível à causa, passou a reforçar a importância da conservação do patrimônio junto às autoridades locais do município, que nesse interim já haviam mandado interromper a obra.

Para alguns alunos interessados foi dada a tarefa de disseminarem pelas suas famílias, vizinhos, amigos e demais pessoas da sociedade alagoinhense a importância de não tentar escavar o local à procura de mais fósseis. Preocupados com os destinos de alguns fragmentos, alguns desses alunos conseguiram reaver parte desses materiais que haviam sido retirados indevidamente por moradores. Feito isso, foram orientados a deixar o patrimônio a cargo das autoridades locais.

As pesquisas sobre os fósseis

No final dos anos 30 do século XX, pesquisas paleontológicas e geológicas passaram a ocorrer em Alagoinha, que até então era um distrito pertencente ao município de Pesqueira. Em 1946, foi publicado material bibliográfico contendo os primeiros resultados dessas pesquisas desenvolvidas por Ney Vidal, pesquisador do Museu Nacional (Rio de Janeiro)⁴. Segundo o tal documento, em fins do ano de 1938:

Trabalhadores que se entregavam ao desentulhamento de uma extensa depressão em terreno do sítio Lage Grande, de propriedade do Sr. José Catolé, em Pesqueira, encontraram, soterrados, alguns ossos cujo aspecto estranho lhes causaram admiração e motivo de grande curiosidade. A notícia do achado logo se difundira e dela veio a ter ciência o diretor do Museu Nacional, por intermédio de um representante da firma industrial Carlos de Brito & Comp., de Pernambuco (Vidal, 1942).

De acordo com o documento, a notícia dos ossos acidentalmente desenterrados se espalhou até chegar ao diretor do Museu Nacional, no Rio de Janeiro. O então diretor mandou ao interior de Pernambuco uma equipe em missão de reconhecimento e exploração dos depósitos existentes (Figura 6). Chegando ao local, através de escavações, os cientistas retiraram, entre os anos de 1939 e 1940, um total de 279 fragmentos de fósseis, pertencentes aos mais variados animais do período Pleistocênico, descritos como: *Macrauchenia Owen*,

4 Agradecimentos ao Professor Doutor Marcelo Antunes pelo fornecimento do livro.

Toxodon Owen, *Equus*, *Hippocamelus*, *Cuvieronius* Osborn, *Megatherium* Cuvier, *Mylodon* Owen, *Crocodylidae* (Vidal, 1942), (Figura 7).

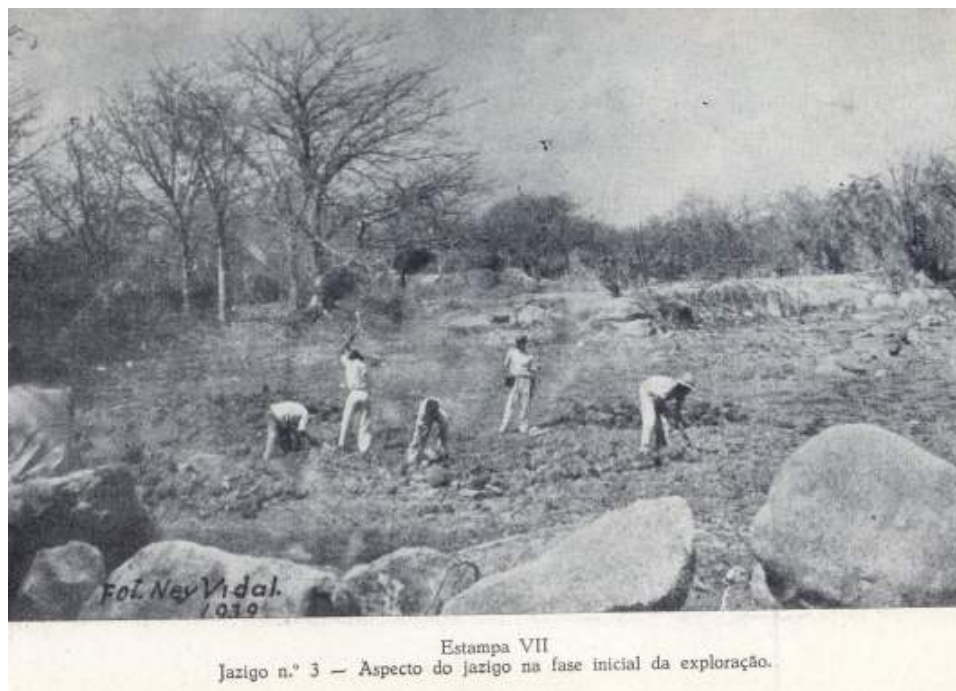


Figura 6: Panorama da escavação do sítio Lage Grande, na primeira metade do século XX. Fonte: Vidal, 1946.

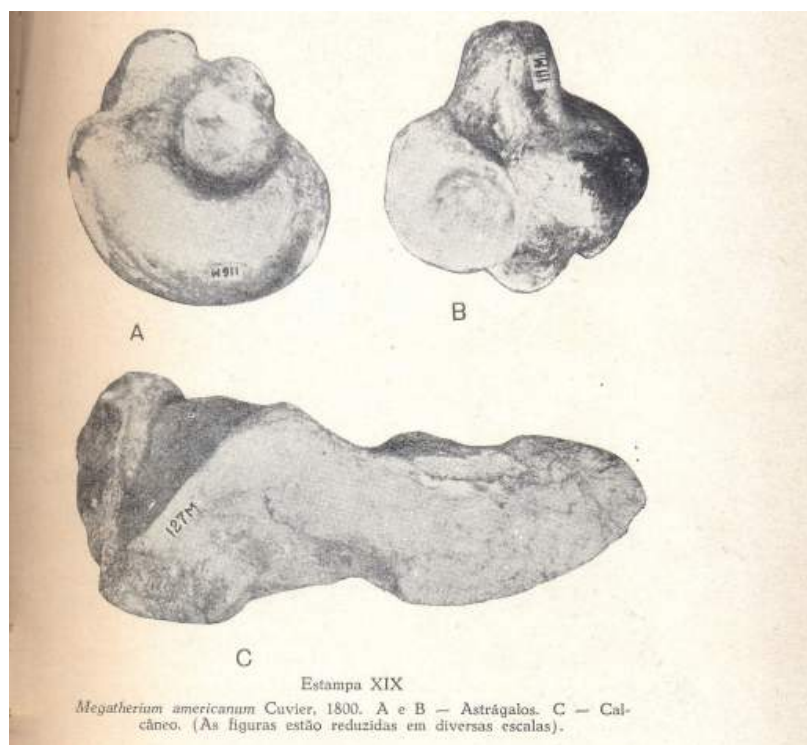


Figura 7: Detalhe de fragmentos de fósseis de um megatherium, encontrados no sítio Lage Grande, 1939-1940, hoje parte do Município de Alagoinha. Fonte: Vidal, N. 1946.

O quadro abaixo representa a aparição de fósseis de diferentes animais encontrados em dois jazigos do sítio Laje Grande, nas escavações realizadas entre os anos de 1939 e 1940. Ao se observar o quadro, pode-se ver que no sítio foram encontrados sete mamíferos e um réptil. A escavação no jazigo número 01 constou de sete tipos de animais diferentes, já no jazigo 02 constou de cinco tipos.

Quadro 1: Demonstrativo da distribuição da fauna pelos jazigos.

	Jazigo 1	Jazigo 2
MAMMALIA		
Macrauchenia	•	
Toxodon	•	•
Equus	•	•
Hippocamelus	•	
Cuvieronius	•	•
Megatherium	•	•
Mylodon		•
REPTILIA		
Crocodylidae de gênero indefinido	•	

Fonte: VIDAL, N. (1946).

Fósseis desses tipos de animais são considerados como pertencentes à megafauna do período Pleistocênico. Alguns são conhecidos popularmente como preguiças gigantes (*Megatherium e Mylodon*), cavalos selvagens (*Equus*), entre outros, e conviveram na mesma época com o tatu gigante (*Glyptodon*), lhamas (*Palaeolama major Liais*)⁵. Embora alguns estudos atuais estejam a fazer revisões e considerações acerca das particularidades dos fósseis de diferentes gêneros de animais encontrados no Nordeste brasileiro, essas pesquisas também reconhecem a importância dos trabalhos realizados nas primeiras décadas do século passado, e coadunam na demonstração de existência de mamíferos gigantes, durante o período Pleistocênico, nas áreas do interior do Nordeste do Brasil (Mendonça, 2007 e Alves, 2007).

⁵ Segundo Barreto (2004), em 27 município do interior de Pernambuco já foram encontrados diversos animais da megafauna, pertencentes ao período Pleistocênico: “o vasto registro fossilífero da megafauna inclui as Ordens Xenarthra, Notoungulata, Proboscidea, Perissodactyla, Litopterna, Artiodactyla e Carnivora. Os gêneros e espécies registradas são: Eremotherium laurillardi Cartelle e Bohórquez, 1982, E. lund Paula-Couto, 1954, Pampatherium humboldti Lund, Mylodon Owen, 1840, Panochthus tuberculatus Burmeister, 1866, Cuvieronius humboldtii (Cuvier, 1806) Osborn, 1923, Haplomastodon waringi Simpson & Paula-Couto, 1957, Toxodon platensis Owen, 1840, Hippocamelus sulcatus (Ameghino, 1882), Equus neogaeus (Lund., 1840), Hippidion principale, Trigodonops, Glyptodon Owen, 1838, Palaeolama major Liais, 1872, Smilodon populator Lund, 1842 e Xenorhinotherium baiense Cartelle e Lessa, 1988”. Barreto, A. M. F. 2004.

O sítio Laje Grande, onde outrora aconteceu a escavação arqueológica nos anos de 1939-1940, fica a poucos quilômetros do sítio da Lagoa do Peri-Peri, local onde atualmente foram desenterrados por acidente outros fragmentos de fósseis. Isso mostra que há uma reincidência de aparecimento de fósseis naquela região. Nos dias atuais, Laje Grande e Peri-Peri fazem parte do município de Alagoinha, desmembrado de Pesqueira desde o ano de 1948.

Alguns dos fragmentos de fósseis encontrados recentemente na lagoa do sítio Peri-Peri podem também ser de animais da megafauna, do período Pleistocênico. Nesse caso, para obter uma resposta satisfatória e definitiva, urge as instituições de pesquisa realizar uma análise científica sobre todos esses fósseis recém-descobertos (Figura 8).



Figura 8: Detalhes de fragmentos de fósseis encontrados no sítio Peri-Peri, Alagoinha-PE. Acervo: Alexandre Bittencourt L. Marques. Fotos disseminadas pelos alunos nas redes sociais, 2016.

Considerações Finais

Apesar do intervalo de mais de 75 anos que separa os dois achados, ambos mantêm algumas semelhanças: 1) Estão localizados na mesma região, separados por poucos quilômetros um do outro. 2) Foram descobertos por acaso a partir de obras realizadas por trabalhadores que desenterravam as depressões rochosas. 3) O registro das descobertas de ambos, junto as instituições de pesquisas, só foi possível graças à disseminação de informações por parte dos moradores. Para isso, as informações precisaram romper fronteiras e distâncias.

A primeira informação, no ano de 1938, saiu do interior de Pernambuco e um ano depois chegou ao conhecimento do diretor do Museu Nacional, no Rio de Janeiro, em virtude da mediação de um representante de uma firma industrial instalada no Agreste pernambucano. Nesse caso, foi necessária a saída de uma pessoa de Pernambuco em direção ao Rio de Janeiro para surtir o efeito desejado.

Na atualidade, por sua vez, a informação do outro descobrimento foi emitida por jovens estudantes do interior de Pernambuco/Brasil em direção a Portugal, via redes sociais. Dali a notícia retornou novamente ao Brasil, endereçada a UFRPE, e de lá seguiu para o Iphan. Tudo isso em poucos dias, graças à internet.

A mobilização criada a partir das mensagens trocadas contribuiu para que primeiras medidas fossem tomadas em prol da preservação de um patrimônio cultural encontrado na região Agreste de Pernambuco. Foi imprescindível a participação de diversos segmentos da sociedade (estudantes, professores, moradores, autoridades locais e instituições públicas) para que isso acontecesse. No entanto, falta ainda ser realizada uma escavação por parte das instituições de pesquisa, bem como falta realizar também uma análise mais detalhada a respeito dos fragmentos de fósseis retirados.

Essa mobilização se deu, em boa parte, graças a uma conscientização adquirida a partir das ações de Educação Patrimonial realizadas no município. Com o apoio das redes sociais, ela pôde ser rapidamente organizada. Sabe-se que há ainda muito a ser feito. É necessário expandir mais ainda a conscientização da população em relação à importância do patrimônio cultural. O fato de alguns moradores ter retirado indevidamente alguns fragmentos de fósseis é uma prova disso.

Entretanto, é inegável que o trabalho embrionário de Educação Patrimonial se desenvolveu e deu seus primeiros passos na conscientização da importância do conhecimento, valorização e preservação do patrimônio cultural. Alguns dos alunos, ex-alunos e demais moradores que se mobilizaram para a divulgação da informação e no combate à depredação daquele patrimônio são exemplos de sementes que geraram frutos (Figura 10).



Figura 10: Alunos se dirigindo à aula de campo sobre patrimônio cultural. Alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Gonçalo Antunes, Alagoinha – PE/BR Acervo: Alexandre Bittencourt L. Marques, 2010.

Referência

- BRASIL Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitu%C3%A7ao.htm. Acesso em: 16/Nov./2011.
- CASTRIOTA, L. B. 2009. Patrimônio Cultural: conceitos, políticas, instrumentos. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: IEDS.
- HORTA, M. de L. P.; GUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. 1999. Guia Básico de Educação Patrimonial. Brasília: IPHAN, Museu Imperial.
- MARQUES, A. B. L. 2012. Entre Lajedos e Lagoas: formação territorial, habitações e bens culturais no povoado de Alagoinhas nos sertões de Pernambuco (1775-1835). Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura). – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.
- MENDONÇA, R. 2007. Revisão dos toxodontes pleistocênicos brasileiros e considerações sobre o *Trigodonops lopesi* (Roxo, 1921) (Notoungulata, Toxodontidae). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MONTEIRO, A. Q. Guia Básico de Educação Patrimonial. Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999.
- PROENÇA, A. L. 2007. Onde viviam aqueles que por aqui passaram? Proposta interpretativa para as ocupações Pré-Colônias no Agreste Pernambucano. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.
- VIDAL, N. 1946. Contribuição ao conhecimento da paleontologia do Nordeste brasileiro: notícia sobre a descoberta de Vertebrados Pleistocênicos no município de Pesqueira, em Pernambuco. In: Boletim do Museu Nacional. Geologia, n. 06, 24 de janeiro de 1946. Ministério da Educação e Saúde.
- CHOAY, F. 2001. Alegoria do patrimônio. São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP.
- BARRETO, A. M. F. 2004. Os depósitos de cacimbas de Pernambuco: aspectos geomorfológicos, geológicos, paleontológicos e paleoambientais. In: XLII Congresso Brasileiro de Geologia. Minas Gerais, Anais, 1-2.
- RAMOS, F. R. L. 2004. A danação do objeto: o museu no ensino de história. Chapecó: Argos.
- FONSECA, M. C. L. 2005. O Patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; MinC – Iphan.
- LEMONS, C. A. C. 2006. O que é patrimônio histórico. São Paulo: Brasiliense.
- BITTENCOURT, C. M. F. 2007. Identidades e ensino da história no Brasil. In CARRETERO, M. ROSA, A. González, Maria Fernanda. (orgs.) Ensino de História e memória coletiva. Porto Alegre: Artmed.
- ALVES, R da S. 2007. Os mamíferos pleistocênicos de Fazenda Nova, Brejo da Madre de Deus, Pernambuco: aspectos tafonômicos, taxonômicos e paleoambientais. Dissertação (Mestrado em Geociências) - Programa de Pós-Graduação Universidade de Pernambuco, Recife.
- IBGE. Disponível em <http://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso 30/mar/2017.